

# A IMPORTÂNCIA DA NEUROFENOMENOLOGIA PARA AS NEUROCIÊNCIAS

## THE IMPORTANCE OF NEUROPHENOMENOLOGY FOR NEUROSCIENCE

<sup>1</sup> Daniel dos Santos Rosa

### RESUMO

O presente artigo busca encontrar uma resposta adequada para a questão: Teria a experiência subjetiva algo a agregar aos estudos da compreensão da neurociência? Além disso, buscaremos descobrir se é possível um diálogo entre a ciência neurológica e a fenomenologia. Esse trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica de escritos de Francisco Varela e demais autores neurologistas que se debruçaram no método fenomenológico. Por meio desses autores, será apresentado como a fenomenologia pode agregar na compreensão da consciência e da experiência subjetiva aos estudos da neurociência. Também será explicado como que a Neurofenomenologia pode ser uma resposta ao 'problema difícil da consciência'. Por fim, veremos os possíveis benefícios ao juntar neurologia e fenomenologia.

**Palavras-chave:** Neurologia. Fenomenologia. Neurofenomenologia. Consciência. Experiência Subjetiva.

### ABSTRACT

This article aims to find an adequate answer to the question: Does subjective experience have anything to contribute to the understanding of neuroscience? Additionally, we will seek to discover whether a dialogue between neurological science and phenomenology is possible. This work was carried out through a literature review of writings by Francisco Varela and other neurologist authors who delved into the phenomenological method. Through these authors, it will be presented how phenomenology can contribute to the understanding of consciousness and subjective experience in neuroscience studies. It will also be explained how Neurophenomenology can be a response to the 'hard problem of consciousness'. Finally, we will explore the potential benefits of combining neurology and phenomenology.

---

<sup>1</sup>Graduado em Psicologia pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS). Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Dom Alberto. Pós-graduando em Logoterapia e Análise Existencial pela Faculdade Unilife. E-mail: [psi.danielsrosa@gmail.com](mailto:psi.danielsrosa@gmail.com)

**Keywords:** Neurology. Phenomenology. Neurophenomenology. Consciousness. Subjective Experience.

## 1 INTRODUÇÃO

Por meio deste artigo busco trazer um olhar pouco explorado dos estudos da neurociência. Pouco se estuda sobre a experiência subjetiva do sujeito, e se existe alguma importância e valor para tal estudo. Sendo que ao estudarmos outro ser humano, buscamos compreender funções motoras, cognitivas e suas disfunções. Usam-se métodos, técnicas, ferramentas e recursos para tais estudos. Entretanto, levanta-se uma pergunta: Teria a experiência subjetiva algo a agregar aos estudos da compreensão da neurociência?

Buscando responder tal pergunta, é necessário primeiro encontrar algum cientista que já tenha levantado e talvez até respondido tal questão. Também será necessário encontrar textos científicos que trazem luz a esta dúvida, e saber se há relevância na resposta que se seguiu. Além do mais, será necessário encontrar validação para tal resposta.

O presente artigo parte de uma revisão bibliográfica por meio de livros, artigos científicos e teses de mestrado e doutorado, onde encontrou-se pouco sobre o estudo que considero de extrema relevância ao qual veremos no decorrer desta pesquisa. Além do mais, veremos o quanto será relevante para os estudos neurocientíficos no futuro as afirmações e estudos encontrados por meio de diferentes cientistas que trarei neste artigo.

Dentre os autores encontramos Neurologistas, Psiquiatras, Psicólogos, Filósofos e Fenomenólogos. Dentre os nomes de maior relevância temos Edmund Husserl, Kurt Goldstein, Oliver Sacks e Francisco Varela. Outros grandes autores foram citados ao longo do texto, assim como outros autores de renome foram usados neste trabalho, mas destaco esses quatro nomes acima como os principais nomes que nos ajudarão a compreender melhor as respostas para pergunta principal em que se baseou este estudo.

Ao adentrar nesta pesquisa encontrou-se nas afirmações destes autores um grande valor atribuído a fenomenologia. Francisco Varela encontrou neste método um diálogo possível com a neurociência ao qual denominou como neurofenomenologia, e

apesar de não usarem o mesmo termo, os demais autores tem muito a contribuir ao lado de Varela, ampliando ainda mais o alcance de seu estudo e proposta.

No decorrer deste trabalho encontraremos um pouco mais sobre o que é a fenomenologia, o que ela propõe como método científico, qual a importância da consciência e como ela é compreendida. Também compreenderemos um pouco mais sobre o valor de psicologia e da neurociência para experiência humana. Descobriremos mais sobre como estes três campos de estudos e de conhecimento se correlacionam. Também veremos como diversos autores incorporaram a fenomenologia aos estudos da neurociência e da psicologia, e se há possibilidade de um diálogo coerente entre elas.

Por fim, aprenderemos sobre a neurofenomenologia e o que ela busca acrescentar aos estudos neurocientíficos. Veremos se existe possibilidade em estudar a experiência subjetiva e qual sua influência para os aspectos neurológicos. E além disso, buscarei ajudar o leitor a compreender como se dá a prática de tal método, usando como base autores que o estudaram profundamente.

## **2 FENOMENOLOGIA, PSICOLOGIA E NEUROCIÊNCIA**

A Fenomenologia surgiu através de Edmund Husserl, matemático e filósofo alemão, que sentiu a necessidade de uma reformulação do que antes era uma visão positivista, para uma nova visão da consciência como uma consciência é intencional, explicando que “Toda consciência é consciência de algo”. Para tal empreendimento seria necessário um novo método, ao qual ele chamou de método fenomenológico. Foi então que nasceu a fenomenologia, um estudo que busca apreender os fenômenos tal como se apresentam a consciência (SAKOLOWSKI, 2014).

Segundo Sakolowski (2014), a fenomenologia se tornou um movimento que se expande pelo mundo. Já que muito se busca da compreensão do ser humano e do mundo, e ainda existe muito a se compreender. Há profissionais que utilizam de seu método para compreender e ajudar pessoas e para avançar o conhecimento científico. Sendo necessário métodos cada vez mais compreensivos sobre a experiência humana e da consciência. Áreas ainda pouco exploradas dentro das ciências humanas que podem contribuir muito para a compreensão autêntica da vida.

Mesmo com o avanço das ciências humanas, ainda precisamos de uma maior compreensão da experiência humana tal como ela é, e por meio da fenomenologia encontramos um método que pode agregar muito a este estudo. É neste momento que vemos uma comunicação apropriada para o estudo da experiência humana, onde a psicologia e a fenomenologia podem completar uma à outra. Já que a psicologia busca compreender o ser humano e a ajudá-lo, e a fenomenologia visa compreender a experiência humana tal como é e como os fenômenos se apresentam a consciência (FEIJOO; GOTO, 2017).

Além disso, conforme a ciência avança, a compreensão do funcionamento do cérebro também avança. Pois para se compreender melhor a pessoa humana é necessário compreender o órgão onde residem os pensamentos, as emoções, os instintos, etc. Foi então que a combinação da neurociência com a psicologia agregou muito à compreensão sobre a cognição e o comportamento humano (Josiane Cecília Luzia...[et al.] 2019).

### **3 FENOMENOLOGIA E A CONSCIÊNCIA**

Para compreendermos melhor como a fenomenologia pode contribuir para neurociência, precisamos voltar aos primórdios da sua construção. Para tal, precisamos ir até o conceito da intencionalidade da consciência que Husserl herdou do seu professor, Franz Brentano. Segundo eles a consciência é consciência de algo, o que significa que quando algo é apresentado à consciência da pessoa é imediatamente criada uma representação da coisa percebida (MARTINS, 2015).

Martins (2015) ainda nos ajuda a compreender melhor a intencionalidade, explicando que ela é fundamental para compreendermos os atos da consciência. Podendo ser de qualquer natureza, um objeto percebido, imaginado, fantasiado, lembrado, etc. O que nos leva à seguinte conclusão: Não há um objeto sem consciência e não há consciência sem o objeto. Desta forma, um depende do outro, caso contrário, não há existência de tal objeto para minha consciência.

Mas como isso se relaciona com a neurologia? Segundo estudos apontados por alguns autores que veremos a seguir, o papel da fenomenologia vem exercendo um olhar rico para os estudos da neurociência. Entre estes estudos está o próprio trabalho do

fenomenólogo, que está preocupado com as estruturas das representações da experiência perceptiva. E como estas experiências perceptivas se relacionam com o mundo. Pois segundo eles, não se pode separar o mundo da experiência do sujeito, pois existe uma percepção vivida por um observador que está neste mundo, modificando-o e sendo modificado por tal. Sendo analisados os sentimentos, percepções, juízos, e diversas outras características que afetam questões cognitivas da relação entre consciência e cérebro. (MARTINS, 2015).

Ainda segundo Martins (2015), a descrição fenomenológica possui rigidez, por ser detalhada, sistemática e criteriosa. Procura o conteúdo desta representação e como ele se apresenta, como é a experiência imediata do sujeito com estas representações. Evitando cair em conteúdos pré-concebidos e julgamentos antecipados sobre algo. Analisando o fenômeno em si, e não teorias ou avaliações pessoais. Sendo possível um diálogo assertivo e sem preconceitos. E é com este olhar que se buscou um diálogo com a neurociência, buscando unir análises dos conteúdos do cérebro e da consciência.

#### **4 NEUROCIENTISTAS FENOMENÓLOGOS**

Kurt Goldstein foi um neurologista e psiquiatra alemão que chegou, por meio de seus estudos, a conclusão de que é fundamental considerar todos os fenômenos que são apresentados pelo organismo, não dando preferência a algum deles em especial. Somente assim podemos compreender o efeito do organismo como um todo, caso contrário, estaremos perdendo informações fundamentais sobre determinada função, ao observar apenas aquela função. Tal consideração se tornou fundamental para compreender os efeitos de determinada função, que pode se apresentar com alguma falha, em outras partes do organismo. O que antes era visto apenas como êxito ou fracasso em determinada área observada, deixando partes fundamentais escaparem (HOLANDA; DA SILVA MOREIRA, 2017).

Segundo os estudos de Holanda e Da Silva Moreira (2017), para Goldstein o organismo se constitui em uma unidade e somente podemos compreendê-lo em sua organização como qualitativa e seu funcionamento como holístico. Pois segundo ele, o sistema nervoso e o organismo funcionam como um todo, não sendo eficaz observá-los

isoladamente sem levar em conta sua relação um com o outro. Possuindo caráter excitatório, levando estímulos que influenciam o todo.

Outro aspecto fundamental para Goldstein, se encontra no termo auto-atualização, que segundo o autor, o organismo busca uma adequação em relação a suas capacidades e o meio em que vive, procurando compensações e adaptações necessárias para manter o equilíbrio. Essa auto-atualização se baseia em um forte impulso que mobiliza o organismo para esse fim (HOLANDA; DA SILVA MOREIRA, 2017).

Oliver Sacks é outro neurologista a trazer aspectos que também dialogam com a fenomenologia. Podemos conhecer mais sobre seu olhar na seguinte citação de seu livro:

O organismo é um sistema unitário, mas o que é um sistema para um self vivo, real? A neuropsicologia fala de “imagens internas”, “esquemas”, “programas” etc., mas os pacientes falam de “experimental”, “sentir”, “tencionar” e “agir”. A neuropsicologia é dinâmica, mas ainda é esquemática, ao passo que as criaturas vivas, no todo, têm um self – e são livres. Isso não equivale a negar que há sistemas envolvidos, e sim a dizer que os sistemas estão embutidos no self e que o self transcende esses sistemas. A neuropsicologia é admirável, mas exclui a psique – exclui o “eu” vivo, ativo, que tem experiências. (SACKS, 2003, p. 181-182)

De acordo com Silva (2011), assim como a fenomenologia, Sacks buscou um olhar dos aspectos da experiência subjetiva do cérebro, do eu (*self*) e do corpo humano de cada pessoa. Ele enfatiza a importância do olhar fenomenológico para descrever essas experiências e compreende-las o mais detalhadamente possível. Além disso, ele explica que o corpo precisa agir no mundo por meio da intencionalidade, para assim haver uma representação deste mundo, o que por sua vez influencia a forma como o eu (*self*) irá se relacionar e se experienciar com este mundo.

Esquema e imagem corporal, portanto, são formas fenomênicas do corpo experienciar o mundo que o cerca, e participam da constituição subjetiva do nosso eu (*self*), por meio de uma ação sobre o mundo (intencionalidade) e de uma competência linguística (descrições narrativas de si). Com o aporte fenomenológico, unido ao conhecimento neurológico, podemos entender melhor determinados distúrbios da identidade pessoal e da imagem corporal, tal como referido pelos casos de Oliver Sacks, naquilo que ele definiu como sendo uma “neurofenomenologia do self” (SILVA, 2011).

De acordo com Almada (2018) é necessário levar em conta que há um ‘problema difícil da consciência’ que se fundamenta na dificuldade de tentar correlacionar os

aspectos da consciência e as atividades cerebrais. Já que é difícil conseguir prever o que gera e produz a consciência, entre cérebro e experiência subjetiva consciente. E é neste momento que surge Francisco Varela com a neurofenomenologia, que encontra uma compreensão que busca resolver esse ‘problema difícil da consciência’ por meio de uma compreensão mais ampla sobre a relação mente-corpo.

Almada (2018) explica que Varela trouxe uma possível solução a essa questão. Segundo ele, ao olharmos para consciência como algo que apenas se encontra nos limites do crânio, estaremos limitando a característica intencional da consciência. O que nos levará a cair no equívoco de perder informações valiosas para estudo e também de não poder compreender a consciência em relação as atividades cerebrais, o que acabaria por levar o cientista ao ‘problema difícil da consciência’. Entretanto, ao colocar a compreensão da fenomenológica de uma consciência intencional, levando em consideração a experiência subjetiva e suas representações, por meio da observação criteriosa da experiência direta em primeira pessoa, é possível resolver tão desafio.

A experiência realizada em primeira pessoa consiste em levar em consideração a experiência vivida do sujeito que está relacionada aos eventos mentais e cognitivos, que acabam por ser expressados e que podem ser relatados, mas que muitas vezes acaba sendo não validado ou mesmo negligenciado pelos cientistas. Aquilo que acontece com o eu, é tão importante quanto o que é analisado por ferramentas de investigação neurológicas e neuropsicológicas (LEAL; SERPA JUNIOR, 2013).

Segundo Martins (2015), é possível que a fenomenologia tem espaço para dialogar com a neurociência, no momento em que a neurofenomenologia propõe que os relatos da experiência subjetivas podem ser verificados em conjunto com o mapeamento cerebral, sendo que esses relatos experienciais dão validade ao conteúdo cerebral mapeado. Afirma também, que o conhecimento de um objeto só é possível em sua totalidade quando se conhece o fenômeno que gera tal conhecimento.

Na neurofenomenologia também se estuda o conhecimento da existência do sujeito ligado a um mundo, ser-no-mundo. Não é possível se compreender um corpo em sua totalidade sem antes entender como é a relação deste corpo com o meio em que vive. Não se deve tentar separar o corpo deste mundo, pois do contrário estaríamos limitando o conhecimento deste corpo. Um, não é independente do outro, e como tal,

devem ser estudados em conjunto, pois o corpo está no mundo, sendo este cheio de significados, já que o sujeito está imerso neste mundo (MARTINS, 2015).

Almada (2018) explica que Varela se opõe a uma compreensão de que a experiência subjetiva não é importante para uma compreensão dos aspectos neurológicos. Pois considera que a experiência subjetiva pode ser observada em primeira pessoa, sendo capaz de entender a experiência consciente qualitativa de como-é-ser e como-é-estar. Sendo características fundamentais da vida humana, afirmando que sem um estudo da neurociência da consciência não será completa ao não considerar, por meio investigativo disciplinado, essas experiências subjetivas apresentadas por meio do olhar em primeira pessoa.

Para poder compreender melhor como a fenomenologia entende mente e corpo, podemos dizer que o corpo material (*Körper*) não é o mesmo corpo que sente e vive (*Leib*). São duas substâncias que se apresentam como aparição ou representação de um mesmo objeto (corpo). Sendo um equívoco olhar para esta substância como apenas uma aparição, reduzindo assim, aspectos da consciência que seriam de grande valor caso não seja negligenciado (ALMADA, 2018).

A neurofenomenologia visa estudar a cognição por meio de duas dimensões: A experiência e a estrutura/processo. Sendo que ela busca compreender por meio da investigação da experiência, uma análise cerebral adequada, para assim compreender melhor as questões da experiência. O que nos leva a integração de três elementos propostos por Varela: “(1) análise fenomenológica da experiência; (2) teoria de sistemas dinâmicos e (3) experimentações empíricas sobre sistemas biológicos” (MARTINS, 2015).

É fundamental para quem trabalha com a neurociência conhecer informações fundamentais do sujeito e das experiências vividas deste. Partindo desde ponto é possível compreender melhor o que será e como será estudado. Neste olhar podemos ver o quanto é valiosa a perspectiva fenomenológica na investigação cognitiva e neuropsicológica, pois só é possível avaliar adequadamente ao compreendemos o sujeito em sua totalidade, e só é possível tal feito ao levar em consideração as experiências e vivencias subjetivas, assim como a percepção do mundo desta pessoa (PERRUCCI, 2013).

Bouyer (2014) nos ajuda a compreender melhor como é a atuação na prática com a análise da experiência perceptiva do sujeito, por meio destas orientações:

I) deve ser compreendida como um processo dinâmico e ativo, em uma extensão temporal, embasada pelo comportamento sensoriomotor, e não como um fenômeno estritamente instantâneo e passivo de captação de estímulos e sinais do ambiente; II) é um fluxo de experiências vividas, em meio ao qual os objetos são apreendidos em uma multiplicidade de modos de aparecimento. A consciência é um fluxo. Nesse sentido, a realidade do objeto não é uma recepção passiva e instantânea de aspectos deste. A confirmação da realidade do objeto resulta da concordância, no cerne da experiência do sujeito, dos aspectos sob os quais o objeto aparece para ele. A percepção se harmoniza com o fluxo da experiência (BOUYER, 2014, p. 453).

Também precisamos levar em consideração a perspectiva da fenomenologia ao estudar a experiência, por meio de uma descrição cuidadosa, e de sua relação com o mundo vivido do sujeito, ou seja, com os significados que a pessoa encontra por meio de sua experiência vivida. Iniciando essa descrição pela própria experiência em si, sem esquecer de como os processos cerebrais podem contribuir para a percepção, mas que não fazem parte da experiência em si do observador. Os recursos, perguntas e abordagens do neurofenomenólogo será diferente do que um outro psicólogo experimental fará, pois buscam ângulos diferentes para compreender, e encontrarão respostas de diferentes tipos (MARTINS, 2015).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir este artigo científico, foi possível responder à questão: Teria a experiência subjetiva algo a agregar aos estudos da compreensão da neurociência? Pois encontrou-se na abordagem fenomenológica um grande potencial nas investigações para a neurociência. Por meio do estudo da experiência subjetiva, e uma compreensão da consciência intencional, é possível compreender melhor aspectos cognitivos e neuronais do sujeito. Sem tal olhar fenomenológico, o neurocientista acabaria por limitar o conhecimento da totalidade da experiência e da percepção humana.

Tornando-se a experiência subjetiva, um conhecimento fundamental para compreender melhor a cognição, aspectos e funções cerebrais, que são tão estudadas pela neurociência. Que ao ser negligenciada poderá causar limitação nas áreas

exploradas nos estudos, podendo até mesmo ocorrer equívocos sobre aspectos fundamentais do todo, que podem ajudar no avanço dos estudos científicos e ajudar pessoas a encontrarem mais saúde nas diversas áreas em que a neurociência abrange, como neurologia e neuropsicologia, que são essenciais para a compreensão e saúde humana.

Ainda é necessário que mais estudos, pesquisas e aplicações do método neurofenomenológico sejam realizados. Pouco se encontrou na literatura científica sobre o assunto, e ainda é necessário que mais textos sejam traduzidos para língua portuguesa. Também há pouco sobre a eficácia de tal método dentro das pesquisas neurocientíficas e nos atendimentos neurológicos, por haver poucos cientistas que se debruçam sobre tal método.

Entretanto, os estudos realizados até o momento, e as aplicações realizadas por tais autores neurologistas, psiquiatras e psicólogos que foram trazidos ao longo deste artigo, trazem olhares fundamentais para se investigar mais profundamente a consciência intencional e as experiências subjetivas como fonte de conhecimento das neurociências que podem agregar muito a compreensão da mente e do corpo, do cérebro e da consciência.

Por meio de neurologistas e neuropsicólogos e outros cientistas que utilizam a fenomenologia, podemos encontrar um vasto campo de conhecimento da consciência e da experiência subjetiva humana. Sendo a neurofenomenologia um método muito interessante para tal empreendimento. Francisco Varela e outros cientistas fenomenólogos, encontraram ferramentas de grande valor para tal compreensão. Sendo possível ajudar a psicologia e a neurociência a proporcionar maior conhecimento sobre o ser humano, e a ajudá-lo a encontrar mais saúde e qualidade de vida.

## **REFERÊNCIAS**

ALMADA, Leonardo Ferreira. **Neurofenomenologia e meditação: breves apontamentos para o diálogo entre práticas contemplativas e as ciências cognitivas enativistas no século XXI a partir da noção emergentista de determinação descendente.** Revista Simbio-Logias, v. 10, n. 13, p. 119-140, 2018.

BOUYER, G. C. **A naturalização da fenomenologia pelas ciências cognitivas contemporâneas.**

Ciências e cognição. v. 19, n. 3, p. 453, 2014.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; GOTO, Tommy Akira. **É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia?**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 32, 2017.

HOLANDA, Adriano Furtado; DA SILVA MOREIRA, Jennifer. **Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein.** Aoristo-International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics, v. 1, n. 2, 2017.

LEAL, Erotildes Maria; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. **Acesso à experiência em primeira pessoa na pesquisa em Saúde Mental.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, p. 2939-2948, 2013.

LUIZA, Josiane Cecília et al. **Psicologia e análise do comportamento: pesquisa e intervenção.** Londrina: UEL, 2019.

MARTINS, João Paulo. **Fenomenologia e neurociência: uma relação possível.** 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). 2015. 85p. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

PERRUCCI, A. **“Self” e “pessoa”: razões para uma abordagem interdisciplinar.** Princípios revista de filosofia. v. 20, n. 34, jul.-dez; 2013.

SACKS, Oliver. **Com uma perna só.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia,** 4 ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

SILVA, Sergio Gomes da. **Oliver Sacks e a "neurofenomenologia do self"**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 14, p. 452-471, 2011.